

## SESSÃO DE ENCERRAMENTO

Abriu a sessão a Presidente da Comissão Organizadora, Maria Helena Mira Mateus.

Cabe à Direcção da Associação Portuguesa de Linguística dizer algumas palavras para encerrar estes três dias de trabalho e de convívio. Em primeiro lugar, queremos agradecer a presença dos representantes de algumas das entidades e instituições convidadas: Dr Pereira Neto, representante da Direcção Geral do Ensino Superior; Dra Fátima Biscala, representante da INICT; Professor Pina Martins, Director do Serviço de Educação da Fundação Gulbenkian; Profa Lúcia Lepecky, Presidente da Direcção da APP; Dr Fernando Sylvan, Presidente da Sociedade da Língua Portuguesa e Presidentes dos Conselhos Directivo e Científico da Faculdade de Letras de Lisboa.

É grato reconhecer que os trabalhos do Encontro decorreram, como habitualmente, com exigência científica e interesse na intervenção do auditório. Sem prejuízo do mérito das comunicações apresentadas, deve ressaltar-se o trabalho conjunto que esteve patente na realização das mesas redondas sobre Ortografia e Contribuição da Linguística para a formação dos professores. A Direcção considera que este tipo de sessões tem inegavelmente como efeito uma real participação dos professores e investigadores.

As várias alterações ao programa que tivemos que efectuar no decorrer do Encontro causaram alguma perturbação ao bom andamento dos trabalhos. Delas pedimos desculpa aos participantes.

Aproveitamos esta ocasião para agradecer o apoio e a ajuda inteligente e dedicada que nos foi prestada na preparação e na realização do Encontro pelos estudantes que conosco colaboraram. São eles: António Souto e Helena Garrett,

Alexandra Oliveira, Ana Isabel Saraiva, Madalena Colaço, Isabel Castilho, João Marques, Fernanda Mendonça, Sónia Frota, Maria do Sameiro Vale, Adelaide Puiña, Ana Cristina Condinho, Jaqueline Cação, Ivo Santos, Celeste Rodrigues. A Teresa Porto, do Centro de Linguística, a Direcção agradece igualmente.

A possibilidade material de levar a efeito esta reunião deve-se, em grande parte aos subsídios concedidos pela Fundação Gilbenkian, pela INICT e pelo INIC. A todos apresentamos os nossos agradecimentos.

A Associação Portuguesa de Linguística tem presentemente cerca de 200 sócios, na sua larga maioria portugueses, o que significa que os professores e investigadores que em Portugal trabalham neste domínio fazem parte da Associação.

Tendo presente que uma sociedade científica vive da produção científica dos seus associados, e que essa produção científica só terá um vector de ciência aplicada quando simultaneamente se desenvolva a investigação fundamental, podem tirar-se as seguintes conclusões das premissas enunciadas:

- a investigação aplicada, pela sua própria natureza, não existe sem investigação fundamental;
- em Portugal, a investigação em linguística, fundamental e aplicada, encontra-se no interior da A.P.L.;
- em qualquer destes campos, a A.P.L. é conseqüentemente a interlocutora preferencial das instituições responsáveis na tomada de decisões que respeitam aos problemas da língua portuguesa - investigação, ensino, difusão e legislação.

Assim, a A.P.L. considera que deve ser chamada a pronunciar-se sobre questões de ordem linguística, e a participar ou realizar projectos e estudos sobre as mesmas questões a nível nacional e internacional. Tome-se como exemplo a preparação do Acordo ortográfico recém-discutido (sobre o qual a A.P.L. se pronunciou durante o Encontro evidenciando a necessidade de ser ouvida nesta matéria), e a criação do anunciado Conselho Nacional da Língua, sobre a qual - e pelas razões já apresentadas - a A.P.L. considera dever ser consultada.

O impulso que a linguística tem recebido nos últimos anos e que provocou o seu rápido desenvolvimento em campos diversificados está em estreita relação com as alterações geopolíticas e tecnológicas que se verificam no mundo actual. Refiram-se como causas principais a emergência de novos países e os problemas dela decorrentes na aprendizagem de línguas oficiais, as "indústrias da língua" englo-

bando a comercialização de modelos linguísticos com relevo para a linguística computacional, o intercâmbio linguístico no âmbito dos grandes blocos políticos internacionais.

A existência de linguistas de novos países de língua oficial portuguesa no interior da A.P.L., e a sua presença neste 2º Encontro, confere à Associação competência para o tratamento de questões num domínio cuja importância nunca é demais sublinhar. Refira-se a necessidade de formar professores para o ensino do português como língua estrangeira nesses países, e a contribuição indispensável da linguística, fundamental e aplicada, para essa formação. Refira-se ainda o grave problema que se põe à sobrevivência do português na Guiné, país que progressivamente está a sair da comunidade da língua portuguesa perante a passividade das nossas instituições oficiais. Além do conhecimento que temos do facto, o problema foi realçado pelos representantes guineenses no Encontro da A.P.L..

Uma das preocupações fundamentais da Associação Portuguesa de Linguística - preocupação sempre presente nos Encontros até agora realizados - tem sido a contribuição da linguística para a preparação, inicial e contínua, dos professores de língua materna. Está hoje reconhecida a importância do aprofundamento do domínio da língua materna na formação dos estudantes (tome-se como exemplo, por um lado, a recente disposição do M.E.C. sobre o peso atribuído à reprovação em português dos alunos do ensino secundário, e, por outro lado, o reconhecimento institucional da necessidade da criação de uma licenciatura em linguística). A A.P.L. considera indispensável uma sólida formação em linguística dos professores desta disciplina, e julga que a presença de professores das Escolas Superiores de Educação e das novas Universidades profissionalizantes no âmbito da Associação lhe confere características adequadas como interlocutora na discussão destas questões ao nível das estruturas de decisão.

Retomamos uma ideia já exposta: não pode haver aplicação da ciência sem desenvolvimento da investigação fundamental; e não se justifica a produção científica se ela não servir para transformar a realidade. No campo das ciências da linguagem, a Associação Portuguesa de Linguística considera-se, no contexto português, o ponto de encontro destes dois vectores.